

AFETÊNCIA: CULTURAS E AFETOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS VIVENCIADAS NOS PROGRAMAS PARFOR EQUIDADE E PIBID

SOUZA, Kleber Peixoto de
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Professor da Licenciatura em Educação Especial Inclusiva
kleber.peixoto@ufrb.edu.br

SANTOS, Ludmila Daltro Ribeiro
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Estudante da Licenciatura em Educação Especial Inclusiva
espaco.neurodiverso15@gmail.com

SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Programa de Pós-graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade
leila.damiana@ufrb.edu.br

RESUMO: Este trabalho apresenta o neologismo Afetência, termo que surge da articulação entre afeto e diferença, concebido a partir de práticas educativas inclusivas vivenciadas no Programa Nacional de Fomento à Equidade na Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR Equidade) e Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Relatamos experiências do Coordenador da Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (LEEI), de uma discente e de sua coordenadora em um subprojeto do PIBID, destacando a relevância de ações que colocam a afetividade como eixo central no processo de valorização das diferenças. As práticas educativas desenvolvidas nesses Programas foram atravessadas pelo afeto, constituindo-se como caminho para fortalecer uma perspectiva inclusiva no cotidiano escolar. Diante do crescimento das matrículas de estudantes com deficiência, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de superar barreiras pedagógicas e emocionais que ainda persistem nas comunidades escolares. Assim, as práticas pedagógicas inclusivas são compreendidas não apenas como alternativas metodológicas, mas como políticas de engajamento humano, voltadas ao respeito às singularidades, à promoção do desenvolvimento cognitivo e à garantia de aprendizagens significativas. Para alcançar tais objetivos, adotou-se uma metodologia qualitativa de caráter exploratório, fundamentada em narrativas crítico-colaborativas, que permitiu o diálogo entre gestão, professores regentes, alunos, bolsistas, coordenadores, famílias e comunidade escolar. Essa metodologia favoreceu a construção coletiva de caminhos pedagógicos mais afetivos e inclusivos. As decisões de criação da Licenciatura em Educação Especial Inclusiva e de elaboração de um subprojeto do PIBID ampliaram vivências formativas e consolidaram práticas que apontam resultados inspiradores. Concluímos que, além da convergência entre PARFOR e PIBID, torna-se imprescindível ampliar pesquisas, projetos e políticas que fortaleçam o desenvolvimento de uma cultura inclusiva, sustentada pelo afeto e pelo reconhecimento da diferença como valor constitutivo da educação democrática.

Palavras-chave: Afeto. Inclusão. Práticas Colaborativas.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de duas perguntas orientadoras: é possível efetivar a inclusão com práticas pedagógicas tradicionais? É possível ensinar e aprender sem afeto? Tais questões ganham relevância com a implementação da primeira Licenciatura presencial em Educação Especial Inclusiva (LEEI) na Bahia, ofertada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no âmbito do Programa Nacional de Fomento à Equidade na Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR Equidade).

Na formulação do Projeto Pedagógico do Curso, buscou-se garantir equidade desde o processo seletivo, com vagas destinadas a profissionais da educação básica, pessoas com deficiência, quilombolas, camponeses, pretos e pardos, além de cotas inéditas para mães/pais atípicos. Uma das autoras ingressou por esta última cota, ampliando os debates formativos a partir das experiências familiares e escolares.

No primeiro semestre, o curso associou-se ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), fortalecendo a articulação entre teoria e prática em escolas parceiras. As vivências revelaram que o crescimento das matrículas de alunos com deficiência é acompanhado de desafios pedagógicos e emocionais que exigem práticas inclusivas inovadoras.

Metodologias tradicionais pouco dialogam com a diversidade, perpetuando a ênfase nas deficiências em vez das potencialidades. Inspirados em Freire (1996), compreende-se o aluno como “presença no mundo, com o mundo e com os outros”, capaz de intervir, transformar e sonhar. Práticas colaborativas como o coensino têm se mostrado eficazes para engajamento e aprendizagem conjunta (Pinto & Fantacini, 2018; Costas et al., 2012).

O afeto emerge como elemento central, integrando sentimentos e emoções que favorecem o desenvolvimento cognitivo e social (Rodrigues, 2008; Mattos, 2008). Pensar a afetividade como motor da inclusão implica reconhecer, com Freire (2005), que “não há educação sem amor”, estabelecendo vínculos indispensáveis ao desenvolvimento pleno de estudantes com deficiência.

2 MÉTODO DA PESQUISA

A formação na LEEI e as experiências práticas no PIBID possibilitaram o desenvolvimento das ações relatadas. Optou-se por uma metodologia qualitativa, exploratória e crítico-colaborativa, promovendo diálogo entre experiências da pesquisadora e dos sujeitos envolvidos (Cunha, 1997; Ghedin & Franco, 2008).

A fase diagnóstica iniciou-se em março de 2025, na Escola Municipal de Feira de Santana, Bahia, permitindo observar o contexto sociocultural da estudante e identificar fatores que influenciam o ensino-aprendizagem (Oliveira, 2012).

A metodologia foi organizada em três etapas:

Diagnóstico geral: A escola apresenta vulnerabilidade social, com alunos majoritariamente de baixa renda. Problemas como fome, marginalização e violência interferem no aprendizado. A infraestrutura inclui recursos de acessibilidade, mas faltam profissionais especializados e a sala de recursos não está em funcionamento.

Diagnóstico específico: A observação ocorreu na turma do primeiro ano, composta por 27 estudantes, incluindo dois alunos com deficiência (R.M.O., Trissomia 21; I.V.R., Transtorno do Espectro Autista com Deficiência Intelectual e epilepsia) e outro aluno com necessidades especiais. Identificaram-se desafios na comunicação, atenção e interação social, além de comportamentos opositores.

Elaboração e execução do plano de ação:

1ª ação: Estabelecer vínculos afetivos com a estudante, professora regente, monitores, colegas e familiares, promovendo observação e diálogo sobre necessidades e contexto emocional da aluna.

2ª ação: Desenvolver atividades colaborativas e participativas, utilizando metodologias ativas como a Cultura Maker. Foram construídas placas com emojis para percepção emocional e contagem de adições, além de figuras geométricas com materiais concretos. A aluna participou de forma engajada, sem comportamentos disruptivos, evidenciando que o afeto aliado à diversidade pedagógica favorece a aprendizagem.

A metodologia demonstrou que práticas inclusivas devem considerar as potencialidades dos estudantes, promovendo protagonismo, engajamento e desenvolvimento cognitivo (Esquinsani, 2022)..

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relato evidenciou a importância da observação do contexto escolar e das interações em sala de aula. O vínculo afetivo estabelecido foi determinante para o engajamento da estudante, despertando respeito e admiração dos colegas.

A prática colaborativa promoveu o protagonismo da aluna, integrando-a às atividades planejadas e desenvolvendo suas potencialidades. Como destacam Ferreira et al. (2004), a participação ativa permite apropriação e reinvenção do conhecimento, criação de mundos sociais compartilhados e interação com adultos e colegas, refletindo estruturas sociais.

Vygotsky (2003) reforça que a criança se humaniza por meio das relações sociais, sendo a afetividade central nesse processo (Santos, 2024). Observações cuidadosas das emoções dos estudantes permitem planejar práticas pedagógicas inclusivas e orientadas às necessidades individuais (Silva, 2007).

O coensino mostrou-se eficaz, exigindo co-responsabilização, planejamento e execução compartilhada entre professores regentes e especialistas (Buss, 2019). A diversificação de materiais e estratégias, respeitando as singularidades, ampliou oportunidades de aprendizagem e garantiu acesso e permanência escolar.

A educação inclusiva é um movimento político, cultural e pedagógico que promove direitos humanos e equidade, contextualizando as desigualdades históricas e sociais (Brasil, 2008). O processo de escolarização deve contemplar o direito de aprender com qualidade, perpassando políticas públicas e formação continuada para toda a comunidade escolar (Marques, 2006).

O afeto e a empatia são essenciais para a transformação cultural necessária à inclusão, fortalecendo vínculos que promovem participação, respeito e desenvolvimento pleno. O relato evidencia que práticas colaborativas e afetivas contribuem para uma educação inclusiva de qualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: COM UM OLHAR PARA ALÉM DAS PRÁTICAS

Este artigo propõe reflexão sobre a implementação de práticas inclusivas e afetivas, reconhecendo que a inclusão desafia a escola a sair da zona de conforto e romper com práticas homogêneas.

Práticas colaborativas favorecem uma educação inclusiva baseada em trocas entre sujeitos, sem hierarquia, reconhecendo o potencial transformador do aluno. O afeto é elemento essencial, precursor da aprendizagem e do desenvolvimento, especialmente para estudantes com deficiência.

A implementação da LEEI no PARFOR Equidade, associada ao PIBID, mostrou-se estratégica, consolidando a formação docente, fortalecendo práticas inclusivas e contribuindo para a construção de uma cultura escolar que valoriza diversidade, afeto e participação.

A experiência evidencia que a inclusão efetiva depende da articulação entre metodologias pedagógicas inovadoras e vínculos afetivos, promovendo protagonismo, engajamento e desenvolvimento pleno dos estudantes, reafirmando que a educação inclusiva é uma prática ética, colaborativa e transformadora..

Fonte(s) de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Eixo temático: Eixo 2 – As várias faces da educação: para além da inclusão

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BUSS, B.; GIACOMAZZO, G. F. **As Interações Pedagógicas na Perspectiva do Ensino Colaborativo (Coensino): Diálogos com o Segundo Professor de Turma em Santa Catarina**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 25, n. 4, p. 655-674, 2019.

COSTAS, F. A. T. et al. **Educação, Educação Especial e Inclusão: fundamentos, contextos e práticas**. Curitiba: Appris, 2012.

CUNHA, M. I. **Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997.

ESQUINSANI, R. S. S.; SILVA, E. M. S. S.; GUERRA, S. Z. **Metodologias ativas na educação inclusiva: diálogo entre os conceitos de compensação e plasticidade cerebral**. In: PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. O. (Org.). *Metodologias ativas na Educação Especial/Inclusiva*. Bauru: Cap. 1, p. 17-33, 2021.

FERREIRA, M.; ROCHA, C.; ILARINHO, M. E. **Para uma Sociologia da Infância ao Serviço de uma Cidadania Participativa das Crianças**. IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 28ª ed., 2005.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MATTOS, S. M. N. **A Afetividade como fator de inclusão escolar**. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 18, p. 50-59, 2008.

OLIVEIRA, C. B.; GONZAGA, A. M. **Professor pesquisador – educação científica: o estágio com pesquisa na formação de professores para os anos iniciais**. *Ciência & Educação*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 689-702, 2012.

MARQUES, L. P. **Implicações da inclusão no processo pedagógico**. *Revista Inter Ação*, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 197-208, 2006.

PINTO, P. S. C. N.; FANTACINI, R. A. F. **Ensino colaborativo na escola: um caminho possível para a inclusão**. *Research, Society and Development*, v. 7, n. 3, p. 1-15, 2018.

RODRIGUES, S. A. **Expressividade e emoções na primeira infância: um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva walloniana**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, M. D.; PEREIRA, D.; ANTUNES, J. T. **Os Afetos e a Formação Docente: Princípios para Práticas Inclusivas da Diversidade Humana**. *Dossiê Ensinos Transgressivos*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 233-254, 2024.

SILVA, A. S. **Direitos humanos e lugares minoritários: um convite ao pensar sobre os processos de exclusão na escola**, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A educação do comportamento emocional**. In: *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 113-124